



DESAPEGO¹

Helio RONYVON²

Luana ARAUJO³

Maria Ângela PAVAN⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Este trabalho detém-se a mostrar o processo de construção do roteiro de ficção do curta-metragem “Desapego”, frisando a importância desse tipo de prática na tentativa de experimentação da linguagem audiovisual e desenvolvimento da capacidade criativa. A partir das influências da literatura de Gabriel García Marquez e na polidez técnica de Syd Field, como recursos metodológicos, tem-se uma tentativa de construir um roteiro baseado na observação do comportamento alheio e na forma que as pessoas se relacionam com a chuva. A personagem principal constrói um imaginário simbólico do seu relacionamento com um guarda-chuva.

PALAVRAS-CHAVE: ficção; comportamento; observação; guarda-chuva.

INTRODUÇÃO

O seguinte *paper* descreve as características e etapas envolvidas no processo de construção do roteiro do curta-metragem de ficção “Desapego” como proposta de vídeo para a disciplina Semiótica e Estética da Comunicação no semestre 2010.2, feito sob a orientação da Profa. Dra. Maria Ângela Pavan.

As principais referências que contribuíram no desenvolvimento da história e a forma que ela se configura vieram de Gabriel García Marquez e Syd Field, enfocando o processo de produção em grupo e a divisão da trama a partir de eventos que a marcam, além de esclarecer as etapas de construção de personagens e sua contextualização ao longo do roteiro.

“Desapego” fala sobre a relação de Laura, a protagonista com seu guarda-chuva. Permeia sua história de vida, buscando construir uma lógica que permita ao leitor e,

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Roteiro.

² Aluno líder do grupo e estudante do 4º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, email: helioronyvon@hotmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Radialismo, email: luana.afranca@yahoo.com.br

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFRN, email: gelpavan@gmail.com.



futuramente, espectador estabelecer um sentido que o faça compreender a atribuição de um significado especial dado por ela a este objeto, e de que forma se dá o processo de aprisionamento da personagem com um guarda-chuva.

2 OBJETIVO

Roteiro desenvolvido para a disciplina Semiótica e Estética da Comunicação no período 2010.2 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte com o intuito de servir como nota da 3º unidade. Construído a partir da orientação da docente Maria Ângela Pavan, da disciplina Introdução a TV, que propiciou os conhecimentos técnicos e advertiu sobre as adequações necessárias à feitura e formatação deste roteiro literário.

A produção do curta-metragem, além de ser critério de avaliação dos alunos, objetiva inseri-los no contexto da produção audiovisual, indispensável em seu desenvolvimento acadêmico, enfocando a escrita de roteiros de ficção como forma de permitir uma compreensão total deste tipo de linguagem.

A trama contida neste roteiro intenciona desencadear uma reflexão através da relação de dependência do sujeito com um objeto inanimado e o modo de como isso interfere na formação da personalidade e comportamento da protagonista.

3 JUSTIFICATIVA

O roteiro em questão foi produzido com o intuito de desenvolver o processo criativo da construção literária dentro do universo audiovisual, visto que habitualmente têm-se na esfera universitária o uso excessivo dos gêneros documental e jornalístico. Isso ocorre devido às facilidades técnicas, basicamente constituídas no uso da história oral e das entrevistas e se dão, principalmente, pela carência de recursos que permitam a viabilidade de realização de projetos ficcionais por causa de toda demanda envolvida em seu processo de produção, no qual o roteiro é apenas o primeiro passo.

Ao debruçar-nos sobre a ficção temos a oportunidade de trabalhar a capacidade criativa, resgatando referências pré-existentes na memória, além de projetar perspectivas na invenção de uma realidade nova.

“Se não existem invenções ou descobertas, só recordações, o criar torna-se com efeito um admirável exercício da memória. Um incansável esforço do lembrar.

Esta hipótese seria apenas curiosa se não fosse também verdadeira. Pois um dos efeitos mais perturbadores do ato de criar é aquele que nos dá a sensação de que não estamos descobrindo nada de novo, somente resgatando algo esquecido.” (COMPARATO in MARQUEZ, 2004, p.9)

A partir do exercício da escrita e das possibilidades contidas nela, justifica-se o roteiro de “Desapego” como uma tentativa de mostrar resquícios presentes na memória individual e coletiva das pessoas na retratação do simbolismo negativo atribuído à chuva na esfera urbana e como se dá o relacionamento delas com este fenômeno, analisado pela visão de mundo e experiências próprias da personagem principal.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A elaboração do roteiro deu-se após o surgimento da idéia central: o comportamento das pessoas num dia de chuva. Posteriormente, houve a necessidade de definição de um recorte específico diante das várias possibilidades que circundam esse tema referencial. Tal recorte é a relação de dependência entre uma pessoa e seu guarda-chuva.

Após definido o foco, surgiu a necessidade de escrever a forma que essa trama se daria, constituindo um roteiro básico para dar suporte ao desenvolvimento de uma maior complexidade a ser inserida nessa história.

Todo o processo ocorreu a partir de discussões e construções de idéias de modo coletivo entre os autores. Trabalhamos na linha seguida por Gabriel García Marquez em Como Contar um Conto, onde cada um cria histórias básicas a serem discutidas em grupo e transformadas em roteiros para TV respeitando, obviamente, a idéia original.

A criação da história não é apenas escolha de um ponto de vista sobre determinado fato ou fenômeno, ela consiste na criação dos personagens abordando o contexto de suas personalidades e as relações sociais presentes em seu meio. A forma de interação entre eles também deve ser considerada nesse momento, além de ser imprescindível a localização espacial deles ao longo da narrativa.

Essa caracterização delimita as ações dos personagens, baseadas nas suas particularidades enquanto indivíduo e é essencial na criação dos eventos a acontecer, pois eles devem coadunar com as características psicológicas.

Para Syd Field, “personagem é ação”, ele é a ferramenta que age diante dos acontecimentos que o autor o coloca. Essa ação deriva dos aspectos ligados às questões interiores (biografia do personagem, ou seja, tudo que ele já vivenciou até ali) e exteriores (relação do personagem com seu campo de ação).

“The best way to do this is to separate your characters' lives into three basic components—their professional life, their personal life, and their private life. These areas of your characters' lives can be dramatized over the course of the screenplay.” (FIELD, 2005, p. 51)

Depois de definido o tema, personagens, personalidades e ambientes, chegou a hora de desenvolver o roteiro baseado nesse suporte e como eles co-existiriam na construção da realidade retratada, devendo haver coerência entre essas relações psicossociais e o objetivo envolvido no argumento principal do roteiro.

Estando pronto o roteiro, é a vez de fazerem-se leituras e releituras, analisando todas as cenas procurando identificar e se há uma lógica entre elas, de forma a evitar falhas de continuidade ou no sentido, na significação que pode ser atribuída ao se interpretar a história.

Ainda seguindo a estrutura de Syd Field, dividimos o roteiro em três atos: ato I, II e III. Eles consistem na delimitação dos eventos e sua duração percentual na trama. O ato I caracteriza a exibição do personagem principal, além de suas principais motivações, enquanto o ato III desencadeia a resolução da trama, não sendo necessariamente um final, mas uma solução para a problemática central. Cada um desses dura cerca de $\frac{1}{4}$ do tempo total. Já o ato II, no qual o autor impõe barreiras e conflitos ao personagem a fim de tirá-lo de sua vida cotidiana, fazendo-o enxergar seus problemas e encará-los.

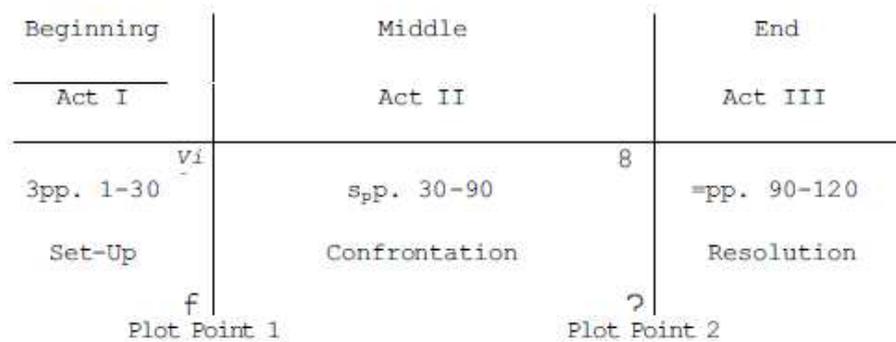


Fig 1. Paradigma da estrutura dramática (FIELD, 2005, p. 21)

Em “Desapego”, essa divisão ocorre da seguinte forma:

- Ato I: Laura, a protagonista, usa o computador e na tela podemos ler uma descrição dela, mostrando seu nome e idade, além de aspectos de sua vida, a exemplo da faculdade que cursa e suas ligações exteriores.
- Ato II: Laura vai à rua em busca de analisar o comportamento das pessoas e fazer o contraponto com suas atitudes em dias de chuva. Em meio a isso, vê-se obrigada a enfrentar a chuva, que é seu maior medo, a fim de salvar sua mãe.
- Ato III: ao se dar conta de que, além de ser prisioneira de um guarda-chuva, esse não a protegia, ela resolve abandoná-lo.

Syd Field amplia seu paradigma de construção de roteiro com a inclusão de dois eventos que ele chama de “Plot Points 1 e 2”. O Plot Point 1 é quando a trama realmente tem início, ele liga o fim do ato I ao início do ato II. No caso de “Desapego”, isso ocorre quando descobrimos que a história contada em off é um conto escrito por Laura a respeito de uma garota chamada Clara. O Plot Point 2 é a percepção de Laura de que, mesmo estando com o guarda-chuva, ele não a protege.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto final é um roteiro literário de um curta-metragem de ficção de 8 paginas, por isso calcula-se que o vídeo resultante dele terá entre 8 e 9 minutos, pois cada lauda equivale a 1 minuto de gravação.

As principais referências que contribuíram em sua confecção vieram das obras de Gabriel García Marquez e Syd Field, cujas leituras influenciaram no desenvolvimento da história, além de orientar-nos sobre como deve ser feita a caracterização de personagens, a ambientação e a delimitação temporal dos eventos na trama.

A idéia de fazer roteiro partiu da observação do comportamento das pessoas nos dias chuvosos e a fim de criar uma narrativa que trate essa relação, tendo como foco a protagonista Laura, uma adolescente de 17 anos.

A história consiste na relação de dependência existente entre essa garota e um guarda-chuva. Ela faz comentários sobre como as pessoas agem nos dias chuvosos, mostrando seus temores perante a possibilidade de acontecimento deste fenômeno. Isso se



dá porque ela guarda na memória referências negativas, já que fora abandonada aos 4 anos de idade num dia chuvoso.

O dia do abandono seria então a última vez que chovera na cidade onde mora. Na sua mente, a chuva serve como prenúncio para acontecimentos ruins, e por sempre fazer essa associação, leva seu guarda-chuva para onde vai, mesmo em dias ensolarados. Sentia que ele poderia protegê-la diante da iminência desses acontecimentos ruins.

Esse medo perdurou durante toda sua infância e mesmo chegando à adolescência, ainda o mantinha. Ele influenciou na construção de sua personalidade e na sua forma de interagir com o mundo exterior.

Pautada nesse sentimento, ela tem como hábito fazer pequenos ensaios para saber como deve encarar a possibilidade de haver chuva, servindo também como uma gradativa preparação para superação deste trauma. Porém, num determinado dia, após 13 anos, chove na cidade de Laura e ela se vê diante do seu medo, dessa vez materializado, e por motivo de força maior, precisa e decide enfrentá-lo.

6 CONSIDERAÇÕES

Quanto mais histórias contamos, mais ainda teremos o que contar. A criação do roteiro de ficção nos dá toda essa brecha e abre imensas possibilidades de exploração e desenvolvimento da capacidade criativa de cada um, mesmo que isso se manifeste em textos simplórios.

Esse tipo de produção permite o rebuscamento de referências na memória e se agrega às novas vivências constituídas a partir das experiências pessoais e visões de mundo de quem escreve. Essa prática, para ser melhorada, deve ser rotineira e só com o tempo é que se configura como expressão sublime de uma linguagem fidedigna à personalidade do seu autor, tornando-o reconhecível a partir de suas palavras.

Tentamos, ao máximo, desenvolver essas características ao longo do roteiro, mas conscientes da incipiência devido à pouca prática. Desde o início, buscamos construir uma narrativa capaz de trazer sutilezas inerentes aos seres humanos, abordando-as através dos pensamentos ímpares e a personalidade observadora da protagonista.



Esperamos ter atingido atributos mínimos de um bom roteiro e que a história demonstre um nexos compreensível para quem a lê. Pretendemos futuramente concretizá-la através de sua filmagem, transcrevendo a lógica do texto para o universo da imagem em movimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIELD, Syd. **Screenplay: the foundations of screenwriting**. New York: Delta, 4 ed., 2005.

MARQUEZ, Gabriel García. **Me alugo para sonhar**. Niterói: Casa Jorge Editorial, 4 ed. 2004.

MARQUEZ, Gabriel García. **Como Contar um Conto**. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 3 ed., 1997.

PALLOTTINI, Renata. **Dramaturgia: a construção do personagem**. São Paulo: Ática, 1989.